

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, MARXISMO E ENSINO DE HISTÓRIA

Revolução e alfabetização: a erradicação do analfabetismo na Rússia e na URSS

Wanderson Fabio de Melo¹

A alfabetização é a condição necessária para o desenvolvimento individual e coletivo. De acordo com informações da Unesco, divulgadas em 2018, no mundo existem 750 milhões de jovens e adultos que não sabem ler nem escrever. No Brasil, cerca de 11,8 milhões de pessoas são analfabetas, o que corresponde a 7,2% da população acima de 15 anos. Os dados revelam a necessidade de se discutir o analfabetismo e as vivências históricas de seu enfrentamento. No presente texto, analisa-se as experiências dos soviéticos (1917-1950).

A espoliação educacional no czarismo

Na Rússia czarista poucos tiveram acesso à educação. De acordo com Jean-Claude Chesnais, por volta de 1850, o país dos Romanov apresentava alto índice de analfabetos em seu contingente populacional. Na comparação com o continente europeu, “*Em última posição se encontrava a Europa Oriental (Balcãs, Polônia) e a Rússia, com uma proporção de iletrados entre 90 e 95%*”².

Os dados sobre os investimentos em educação apontavam que “*Menos de cinco por cento do orçamento estatal foi gasto com a instrução pública na Rússia czarista*”³. Portanto, não foi casual que o escritor satírico russo M. Saltikov-Chtchedrine apelidasse o Ministério da Instrução Pública no czarismo, de “Ministério do Obscurantismo Público”.

Assim, torna-se possível afirmar que o czarismo praticava a espoliação educacional sob o povo, na medida em que não investia recursos no estabelecimento de escolas para a educação popular na Rússia, tampouco nas regiões dominadas pelo Império.

Em 1897, apenas 22,3% da população russa sabia ler e escrever, sendo que entre as mulheres: 87,6% eram analfabetas. Sabe-se que o analfabetismo é uma das consequências da servidão, uma vez que não pode ser alfabetizada a maioria da população de um país oprimido por senhores rurais. Desse modo, na Rússia, os analfabetos na virada do século XIX para o XX representavam 73% da população, sem contar as crianças menores de nove anos. Com o intuito de dimensionar a questão, deve-se lembrar que nos Estados Unidos no mesmo período, 11% da população branca era analfabeta, e entre os negros, 44,5%. Assim, ao que se referia

¹ Professor na UFF, Campus de Rio das Ostras e Doutor em História (PUC-SP).

² CHESNAIS, J-C. *A vingança do terceiro mundo*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989, p. 146.

³ ZINOVIEV, M.; PLECHAKOVA, A. *Como foi liquidado o analfabetismo no país dos Sovietes*. Moscovo: Editorial Progresso, 1982, p. 4.

a instrução elementar, os negros norte-americanos, saídos da escravidão, encontravam-se numa situação melhor que a do campesinato russo liberto.

Em condição ainda mais terrível, de acordo com o mesmo censo de 1897, estiveram os povos dominados pelo Império Russo, o número de alfabetizados estava em, respectivamente, 2,1% entre os cazaques, 1% entre os uzbeques, 0,7% entre os turcomenos, 0,6% entre os quirguizes e 0,5% entre os tadjiques. Evidencia-se a espoliação ainda mais bárbara sob povos subjugados pelo czarismo russo.

O intelectual estadunidense Richard Pipes, autor influente da historiografia do período da *Guerra Fria*, que sistematizou as perspectivas ideológicas das potências capitalistas no período, sobre o avanço da alfabetização na Rússia socialista, ele a considerou enquanto “*continuidade do progresso já alcançado sob o czarismo*”⁴. Entretanto, tal afirmação não resiste à menor confrontação com os dados da realidade. Como ele não pôde negar o sucesso da alfabetização na URSS, Pipes se esforçou por desvinculá-lo da revolução e do socialismo. Na realidade, longe de encaminhar a alfabetização popular, o czarismo submeteu o povo a espoliação educacional em seu grau mais bárbaro. Os professores Marisa Bittar e Amarílio Ferreira Jr. informam que:

Em 1906, a revista *Boletim de Educação*, editada pelo Ministério da Educação czarista, fizera a estimativa segundo a qual, na parte europeia da Rússia, toda a população só poderia ser alfabetizada dentro de 120 anos; na Sibéria e no Cáucaso, dentro de 430 anos; na Ásia Central, dentro de 4.600 anos.⁵

A revolução de 1905 e a alfabetização

Ao analisar os dados do censo russo de 1910 sobre a educação, o dirigente bolchevique V. I. Lênin escreveu:

o número total de escolares e estudantes do Império Russo, incluídas a escola primária, média e superior e toda classe de centros docentes, foi em 1904 de 6.200.172 pessoas, e em 1908, de 7.095.351. O aumento é evidente. No ano de 1905, o ano do grande despertar das massas populares na Rússia, o ano da grande luta popular pela liberdade, sob a direção do proletariado, obrigou ao nosso Ministério oficial a sair do ponto morto.⁶

Percebe-se que, Lênin frisou o atraso da Rússia na educação, ao mesmo tempo em que observou a relativa ampliação da educação após 1905, quando se processou a primeira Revolução Russa. Depois do massacre de manifestantes pacíficos em janeiro daquele ano pelas forças czaristas, o proletariado se ascendeu à direção da luta social para a superação do absolutismo e do poder sustentado na aristocracia agrária. Em resposta, a burocracia estatal teve de ampliar a educação;

⁴ PIPES, R. *História concisa da revolução russa*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 313.

⁵ BITTAR, M.; FERREIRA JR., A. Ativismo pedagógico e princípios da escola do trabalho nos primeiros tempos da educação soviética. *Revista Brasileira de Educação*, vol.20, n. 61, 2015, p. 438.

⁶ LENIN, V. I. Em torno a la política del Ministerio de Instrucción pública. In: *La instrucción pública*. Editorial Progreso: Moscou, 1975, p. 38.

mas logo veio a repressão aos movimentos, cerceando o soviete (conselho operário), e retornando-se à prática czarista de espoliação educacional sob o povo em consonância com os interesses dos senhores de terras. Nesse sentido, o aumento do número de letrados somente ocorreu quando a dominação dos Romanov sofreu ampla contestação, na fase em que a monarquia teve o seu despotismo ameaçado.

Ainda segundo o documento tratado pelo líder bolchevique, encontrava-se na “*Rússia, 46,7 estudantes por cada 1.000 habitantes em 1908 (em 1904 eram cerca de 44,3 por 1.000)*”⁷. Sendo assim, constatou-se que em relação ao país dos czares, na primeira década do século XX: “*Na Europa não havia nenhum país tão bárbaro, em que as massas populares [estivessem tão] espoliadas no sentido do ensino, da ilustração e do saber*”.⁸

A consequência do encaminhamento educacional czarista foi que “*20% da população jovem estava condenada a viver no analfabetismo pelo regime estatal da Rússia. O analfabetismo na Rússia corresponde a este embrutecimento do povo pelo poder dos latifundiários*”.⁹

Torna-se relevante destacar que naquele momento histórico, na Suécia e Dinamarca o número de analfabetos oscilava entre 1% e 2% da população, bem como na Suíça e Alemanha. Na Áustria cerca de 39% da população era analfabeta, e na Hungria, por volta de 50%. A situação russa era similar à do Brasil, que possuía 71,2% da população analfabeta (segundo dados brasileiros de 1920).

Vale dizer que nos países em que de alguma forma encaminhou-se a industrialização, por consequência, avançou-se também na alfabetização. Ademais, mesmo comparados aos países nos quais se processava o metabolismo social do capital em conciliação com o domínio da nobreza agrária e militar - particularidade histórica ausente de revolução burguesa, caso da Áustria e da Hungria, ainda assim, a Rússia apresentava defasagem quanto ao letramento de seu povo.

Estado autocrático e analfabetismo

Na visão de Lênin, a onipotência dos latifundiários sob Estado russo compunha a causa do atraso do país expresso no contingente de analfabetos. Tais condições bárbaras do Império Russo no século XX fizeram com que o líder dos bolcheviques alcunhasse o Ministério da Instrução Pública da Rússia, de “Ministério do Embrutecimento Público”, mais do que o “Ministério do Obscurantismo”, pois a considerar o resultado do trabalho da pasta, segundo ele, a atividade teria sido ampliar o embrutecimento em consonância ao domínio territorial russo.

Em relação aos gastos do czarismo com a educação à véspera da I Guerra Mundial, Lênin sublinhou que

o pressuposto do Ministério do Embrutecimento Público da Rússia fixou para 1913, o montante de 136.700.000 rublos. Isto equivale por habitante (170 milhões em 1913) tão somente a 80 copeques. Ao tomar as cifras “do

⁷ Idem, p. 38.

⁸ Idem, p. 39.

⁹ Idem, p. 39.

total do gasto do erário para a instrução pública” que nos oferece o Sr. Ministro da Fazenda na página 109 de sua nota aclamatória ao pressuposto, a saber, 204.900.000 rublos, somente resulta 1 rublo e 20 copeques por habitante. Na Bélgica, Inglaterra e Alemanha a soma de gastos para a instrução pública alcança de 2 a 3 rublos e até 3,5 rublos por habitante. Nos Estados Unidos se investiu em 1910 em instrução pública 426 milhões de dólares (852 milhões de rublos), ou seja, a razão de 9 rublos e 24 copeques por habitante. Nos últimos 40 anos, os Estados Unidos gastaram em instrução pública 126 milhões de rublos ao ano, o que significa, 3 rublos e 30 copeques por habitante.¹⁰

Assim, para o intelectual revolucionário, os recursos despendidos à educação eram insuficientes e muito abaixo dos parâmetros mundiais, permanecendo, portanto, a prática de espoliação educacional sobre os populares. Em 1914, segundo dados oficiais, estudavam nas escolas da Rússia 8.000.000 de crianças e adolescentes, enquanto 30.000.000 estavam fora dos espaços escolares formais. Apenas 67 pessoas em cada mil habitantes frequentavam algum estabelecimento de ensino.

A Rússia czarista era miserável para os gastos com a instrução pública, mas rica e generosa para a sustentação do Estado autocrático *“dirigido pelos latifundiários, para os gastos da polícia, para o exército para as bonificações e soldos de dezenas de milhares de rublos aos latifundiários que alcançara as ‘altas graduações’, para a política de aventura e de saque”*¹¹, para expansão territorial do Império não faltava recursos.

Desse modo, Lênin concluiu que para que a educação ganhasse o *status* de prioridade, dever-se-ia romper com a lógica econômico-social do czarismo assentada na dominação dos latifundiários e militares de altas patentes, bem como acabar com a política de expansão imperial e a da exploração predatória sobre operários e camponeses.

A Revolução de Fevereiro e a alfabetização

O ano de 1917 iniciou-se na Rússia como uma nova fase de agonia aos trabalhadores urbanos e camponeses pobres, por conta da participação do país na guerra imperialista, iniciada em 1914, que agudizou o sofrimento humano e as contradições sociais. O descontentamento com a situação política e social aflorou nas fábricas e bairros operários das grandes cidades. O desenvolvimento das mobilizações de final de fevereiro levou à declaração do Governo Provisório por parte dos representantes parlamentares, o que pôs fim ao domínio da dinastia Romanov. Os trabalhadores organizaram os Sovietes dos Operários e Soldados, que serviram de comando popular na ação por melhores condições de vida, alimentação e pela saída da Rússia do conflito mundial.

Vale destacar que os anseios dos trabalhadores e camponeses pobres não foram encaminhados pelo Governo Provisório, haja vista que não foi possibilitado o

¹⁰ Idem, p. 41.

¹¹ Idem, p. 41.

acesso dos camponeses à terra, não foi decretada a saída da Rússia da I Guerra e não se viabilizaram as melhorias sociais.

A despeito das mudanças políticas, no tocante à instrução pública, segundo Lunatcharsky: “o Governo Provisório, um governo sem jeito, não tinha qualquer programa definido e, ao longo de sucessivas remodelações, cada ministro prometia ao Comitê e Estado fazer algo”¹². Portanto, não houve formulações de projetos consistentes, tampouco aplicação de medidas educacionais para a resolução do problema do analfabetismo, ou de ações expansivas de instrução, nos meses de março a outubro de 1917.

Após a Revolução de Fevereiro de 1917, o programa do Partido bolchevique passou a detalhar as reivindicações sobre a educação. Foram aprovadas as propostas de Lênin, sistematizadas nos itens 14, 15 e 16 da declaração:

14. O ensino geral e politécnico (conhecimento da teoria e da prática de todos os ramos principais da produção) gratuita e obrigatória para todas as crianças de ambos os sexos até 16 anos; estreita ligação do estudo com o trabalho social produtivo das crianças.

15. Garantia pelo Estado a todos os alunos sobre a alimentação, roupa e manuais escolares.

16. A transmissão da instrução pública aos organismos democráticos da administração autônoma local; a abstenção do Poder central de toda intervenção no estabelecimento de programas escolares e na seleção do pessoal docente: a eleição dos professores diretamente pela própria população e o direito dela de destituir o mestre indesejado.¹³

Alinhado às transformações sociais apontadas nas *Teses de abril*, um documento político do Partido Bolchevique de 1917, que prescrevia a necessidade de “*todo poder aos soviets*”, os eixos sobre a educação remetiam a solucionar o problema do analfabetismo e da instrução no país.

A Revolução de Outubro e a alfabetização

Após a Revolução de Outubro formou-se o Commissariado do Povo para a Educação (sigla *Narkompros*), o órgão que dirigiria as escolas e o ensino dos novos tempos. A. Lunatscharsky foi o escolhido para coordenar os trabalhos.

No primeiro documento da Proclamação do Commissariado do Povo para a Educação constava: “*em um país onde impera o analfabetismo e a ignorância, deve colocar como seu primeiro objetivo a luta contra esta escuridão*”¹⁴. Destaca-se que

¹² LUNATCHARSKY, Anatoli. Discurso no I Congresso de toda a Rússia para a instrução pública. *Sobre a educação*. Artigos e discursos. Moscovo: Edições Progresso, 1988, p. 19.

¹³ LENIN, V. I. Materiales para la revisión del Programa del Partido. In: *La instrucción pública*. Editorial Progresso: Moscovo, 1975, p. 66.

¹⁴ LUNATCHARSKY, A. Proclamação do comissário do povo para a educação (1917). In: KRUPSKAYA, N. K. *A construção da pedagogia socialista*. São Paulo: Expressão Popular, 2017, p. 268.

no czarismo e no Governo Provisório o tema da alfabetização não foi prioridade, bem como não se colocou o incentivo à educação pública e popular.

Em 19 de julho de 1919, Lênin assinou o decreto do Conselho do Comissariado do Povo da República Socialista Federativa Soviética da Rússia que instituiu a Comissão Extraordinária para a Liquidação do Analfabetismo de Toda a Rússia (Celar), adjunta ao Comissariado do Povo para a Instrução.

No intuito de estimular a educação dos iletrados, Lênin asseverou: “*Devemos pôr mãos à obra simples e essencial de mobilizar a todos que sabem ler e escrever à luta contra o analfabetismo*”¹⁵.

O Estado Soviético não só tornou obrigatório o ensino, mas também se esforçou em criar as condições necessárias para a realização do aprendizado. Aos alunos que frequentavam as salas de alfabetização, a jornada de trabalho foi reduzida em duas horas, para que pudessem se dedicar aos estudos, ao passo que o salário era mantido integralmente.¹⁶

Segundo Zinóviev e Pechaklova,

nas 41 províncias da parte europeia da República Socialista Federativa Soviética da Rússia e nas regiões autônomas (da Tchuváchia, dos Mári, dos Cómi, de Viatka e de outros), em novembro de 1920, funcionavam mais de 12.000 postos de alfabetização onde estudavam cerca de 300 mil analfabetos.¹⁷

Embora a guerra civil tenha se concluído com a vitória do povo soviético; no entanto, a situação interna do país era dramática ao final do conflito, pois a maioria das fábricas não funcionava, o sistema de transporte estava profundamente impactado e a crise nos combustíveis e víveres se agravava a cada dia, configurando a situação de penúria material.

Nos anos de intervenção estrangeira e da guerra civil, os bolcheviques prestaram uma especial atenção à liquidação do analfabetismo, com intuito de ampliar a aliança com o povo analfabeto, bem como para melhorar as condições de combate do Exército Vermelho. A imensa maioria dos soldados vermelhos era formada por camponeses, os mais afetados pela espoliação educacional czarista.

Em outubro de 1921, no II Congresso dos Funcionários da Instrução e Educação Política de toda a Rússia assinalava-se que a tarefa da elevação do nível cultural era urgente. O analfabetismo era inimigo do poder soviético. Em seu discurso, Lênin proferiu:

Enquanto no nosso país existir o fenômeno do analfabetismo, é muito difícil falar sobre a educação política... A alfabetização é a condição sem a qual é impossível falar sobre política... Sem a alfabetização, a política não

¹⁵ LENIN, V. I. Saludo al I Congreso de toda Rusia de instruccion. *La instrucción pública*. Editorial Progreso: Moscou, 1975, p. 81.

¹⁶ GAPOTCHKA, M. O grande Outubro e a educação popular. In: VV.AA. *A ciência e a educação popular soviética*. Moscovo: Editorial Nauka, 1987, p. 143.

¹⁷ ZINOVIEV, M.; PLECHAKOVA, A. op. cit., p. 8

pode existir, mas pode existir somente os boatos, bisbilhotices, histórias, preconceitos, mas não a política.¹⁸

Os bolcheviques dedicaram muita energia e esforços para ampliar a alfabetização, cientes de que a participação ativa na sociedade socialista dependia da capacidade de ler e de escrever. Mesmo assim, segundo o historiador S. A. Smith:

Obviamente, o nível educacional daqueles que passavam por programas intensivos de alfabetização não era alto. Quando foi pedido a 64 soldados, em 1923, que lessem um artigo do *Pravda* sobre o assassinato de um embaixador soviético, nenhum deles foi capaz de explicar o título: “A Impertinência dos Assassinos”.¹⁹

Em maio de 1923, teve lugar o II Congresso Nacional sobre os Problemas da Erradicação do Analfabetismo, no qual foi aprovado o plano de liquidação do analfabetismo entre a população da União Soviética, com idade de 8 até 35 anos, para o 10º aniversário da Revolução de Outubro. Com o intuito de cumprir tal tarefa, era necessário enfrentar o desafio de alfabetizar 17 milhões de pessoas no prazo de cinco anos. Ainda em 1923, foi impulsionada a Campanha pela Erradicação do Analfabetismo (em russo: *likvidatsiya bezgramotnosti*, sigla *Likbez*) a partir da organização em células, com organismos locais, distritais e nacional. Contou-se com milhares de voluntários nas atividades, chamados de *likbezniks*. A *Likbez* foi dirigida por Mikhail Kalinin. Nas cidades, nos bairros periféricos e nos campos foram constituídos os postos de erradicação do analfabetismo, locais onde eram ministradas as aulas de alfabetização aos grupos de alunos. Além disso, vários *likbezniks* ensinaram individualmente os camponeses, realizando o sentido da expressão: “alfabetização e conhecimento em cada casa”. A *Likbez* tornou-se a principal ajudante da Celar no enfrentamento da questão do analfabetismo.

A campanha pela erradicação do analfabetismo

O apelo do plano decenal da *Likbez* de liquidação do analfabetismo adquiriu ampla difusão social. As consignas foram: “até o 10º aniversário da Revolução de Outubro não deve haver ninguém analfabeto!”, “O alfabetizado ensina o analfabeto!”. No decorrer dos primeiros meses de 1924, mais de mil estudantes engajaram-se na *Likbez* de Moscou, desenvolvendo intensas atividades.

Os membros combatentes ao analfabetismo despenderam muitos esforços para a viabilização material da campanha. Desde o início da NEP (Nova Política Econômica, de 1921-1927, implantada na Rússia para reconstituir a economia devastada) as verbas gerais para a educação – e para a alfabetização de adultos em particular – sofreram cortes drásticos. Sendo assim, os recursos passaram a entrar sob a forma de cotas dos sócios dos organismos de base *Likbez*. Além disso, a campanha

¹⁸ LENIN, V. I. La Nueva política económica y las tareas de las secciones de educación política. In: *La instrucción pública*. Editorial Progreso: Moscou, 1975, p. 139.

¹⁹ SMITH, S. A. *Revolução russa*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013, P. 167.

contava com doações. Segundo Zinóviev e Plechakova, “*A primeira contribuição deste gênero, de 10 mil rublos em ouro, foi feita pelo jornal Izvéstia*”.²⁰

Vale destacar que a campanha buscava a sua construção financeira de modo permanente. A *Likbez* fabricou 15 mil emblemas: com o fundo de uma estrela de cinco pontas figurava um livro aberto. Na página encontrava-se a inscrição: “*Abaixo ao analfabetismo até o 10º aniversário da Revolução de Outubro!*”. Tal consigna foi divulgada por todo o país. Os recursos arrecadados de suas vendas destinaram-se à *Likbez*. Além de dinheiro, os habitantes das aldeias ofereciam pão, ovos e legumes. Na campanha de autossustentação houve também a obtenção de recursos por meio de loterias e leilões.

Em relação aos trabalhos da *Likbez*, foram mantidos, no ano letivo de 1924-25, mais de 12 mil postos de erradicação do analfabetismo, cuja maior parte encontrava-se nas aldeias. De acordo com Zinóviev e Plechakova, naquele período foram distribuídos nas seções de Dom e Omsk, cerca de 42 mil lápis, 50 mil cartilhas, 1100 manuais e 450 mil cadernos. Em inúmeras aldeias distantes dos centros urbanos, a *Likbez* provia os grupos de alunos com papel e lápis, articulava apoio para se conseguir querosene ou lâmpadas, ou até mesmo lenha juntos aos camponeses.

Em 1927, segundo Zinoviev e Plechacova, considerando uma publicação sobre os mais eficientes postos de erradicação do analfabetismo e das células *Likbez*, a aldeia Vassiúrinskaia recebeu a premiação por destaques nos trabalhos: um cinema móvel. Tratava-se de um equipamento bastante almejado pela população dos lugarejos distantes dos grandes centros urbanos, nos anos 20 do século passado.

N. Krupskaya, dirigente revolucionária e especialista em educação, propalava que a Campanha de Alfabetização se sustentava na iniciativa das massas. Ela observou:

Interessante que no território mais atrasado e central, conhecido por terra preta, que foi mais oprimido pelos fazendeiros, é onde a própria iniciativa das massas se revelou mais impetuosamente. O camarada Shatsky contou como os *likbezniks* se sentem em casa, e o camponês que deixou que os *likbeniks* morem na sua casa de graça, fica apontando os lápis com a faca. Eles ajudam uns aos outros em seus estudos como podem. Desta forma, um grande movimento cresceu. Crianças e adultos tomaram parte nele.²¹

Pode-se notar que havia muito apoio popular e entusiasmo à campanha de alfabetização. Zinoviev e Plechacova citam o combatente Dmitri Procuda, “*que atraiu mais de cem homens para as escolas de alfabetização. Ganhou um prêmio: num comício concorrido, recebeu um presente bastante caro naquele tempo: uma camisa e um corte para calça*”.²²

Ao mesmo tempo, os *likbezniks* tiveram de trabalhar em condição adversa e difícil nos vários locais. Os desordeiros das aldeias e filhos de camponeses que

²⁰ ZINOVIEV, M.; PLECHAKOVA, A. op. cit., p. 21.

²¹ KRUPSKAYA, N. K. *A construção da pedagogia socialista*. São Paulo: Expressão Popular, 2017, p. 166-167.

²² ZINOVIEV, M.; PLECHAKOVA, A. op. cit., p. 23.

enriqueciam em meio à NEP, a política econômica de reestruturação com base no incentivo à produção para o mercado e do trabalho assalariado. As medidas da NEP favoreceram os *kulaks*, os camponeses que controlavam a produção agrícola e que exploravam os assalariados rurais, na situação de ruína econômica sob a qual vivia o país socialista após à guerra civil. Vários indivíduos filhos dos *kulaks* tentaram impedir a erradicação do analfabetismo, pois a ignorância do proletário rural alimentava a exploração em termos absolutos protagonizada pelo camponês que enriquecia. Alunos alfabetizando eram atacados pelos bandos infames. Após a jornada de trabalho, e no caminho para os postos de alfabetização, os estudantes eram agredidos por esses canalhas, que “*esperavam-nos, espancavam-nos, atiravam pedaços de bostas, rasgavam os cadernos e livros. ‘Nós damos-lhes a alfabetização, filhos do diabo!’*”, diziam para os estudantes aterrorizados”.²³

Em janeiro de 1926, reuniu-se o I Congresso Nacional *Likbez*. O encontro assinalou o crescimento em suas fileiras, uma vez que em janeiro de 1924, havia 2 mil células e 100 mil membros, em outubro de 1925 os números mudaram, pelo menos 28 mil células e 1600 mil membros. A campanha publicou 5 milhões de cartilhas com os seus próprios recursos.

No tocante ao desenvolvimento da alfabetização torna-se importante considerar as questões de gênero, haja vista que o decurso da mulher à alfabetização era difícil: havia muito trabalho em casa; o marido, na imensa maioria dos casos, além de não contribuir nas tarefas domésticas, proibia que sua esposa frequentasse as aulas. A vida diária das mulheres russas era duríssima mesmo depois da revolução. De acordo com o censo de 1926, 51% da população da URSS era alfabetizada, dois terços dos homens sabiam ler, mas o número entre as mulheres era de 37%. Segundo Zinoviev e Plechakova:

Nos primeiros anos do Poder Soviético, muitas mulheres trabalhavam com contrato nas economias dos *kulaks* e proprietários privados. Foram estas mulheres que mais sofreram. Na conferência das operárias e camponesas de toda a Rússia, uma delegada das mulheres da província de Leningrado contou como foi difícil atrair as assalariadas agrícolas e empregadas que trabalhavam em casas de particulares para as escolas de alfabetização: “A assalariada agrícola iria estudar, mas mora na casa de um rico rural qualquer que lhe diz: ‘Se fores estudar, não preciso mais de ti, vai para o diabo!’ Mas para onde pode ela ir no inverno, quando não tem casa própria para morar? E ela quer queira quer não, tem de deixar de frequentar a escola de alfabetização”.²⁴

A intensa exploração do trabalho feminino e a opressão nas questões de gênero dificultavam a alfabetização às mulheres. Entretanto, a vontade de conhecimento entre as mulheres de diferentes idades, que não tiveram oportunidade de se alfabetizar nos tempos do czarismo, foi imensa. Inúmeras delas passaram da cartilha para a escola de adultos, no período da industrialização com os Planos

²³ Idem, p. 24.

²⁴ ZINOVIEV, M.; PLECHAKOVA, op. cit, p. 28.

Quinquenais. Várias delas seguiram das panelas para as máquinas, movimento que se consolidou, sobretudo nos anos da II Guerra Mundial.

Contudo, como notou Wendy Goldman:

As incursões feitas pelas mulheres [no trabalho fabril] em 1930-1931 continuaram ao longo do segundo Plano Quinquenal, que dependia substancialmente do trabalho feminino. Na primeira metade de 1932, mais da metade dos novos trabalhadores eram mulheres. Elas constituíam 44% dos novos trabalhadores da construção e 80% dos novos trabalhadores da indústria. Entre 1932 e 1937, 4.047.000 novos trabalhadores adentraram a força de trabalho; 3.350.000 (82%) eram mulheres. Em 1932, as mulheres haviam se tornado uma das mais importantes fontes de trabalho para o incremento da industrialização.²⁵

Deve-se destacar que o trabalho na indústria exige certo domínio das letras muito mais amplo do que na labuta doméstica, ou na lavoura arcaica. Assim, a conquista da alfabetização foi necessária às mulheres para compor o segmento de trabalhadora industrial. Entretanto, como bem analisou W. Goldman, essa transformação no fazer industrial não possibilitou a libertação das mulheres, uma vez que elas foram mantidas sob a dependência da unidade familiar, liderada pelo homem. Os indivíduos precisavam das contribuições conjuntas dos membros da família para garantir um padrão de vida decente. Em síntese:

A política salarial não encorajou o ‘definamento’ da família como um meio efetivo de exploração do trabalho. Em um período abertamente definido pela intensificação da acumulação dentro de cada indústria e cada fábrica, a família foi a instituição que permitiu ao Estado realizar a mais-valia de dois trabalhadores pelo preço de um.²⁶

Como se percebe, a alfabetização e a educação possibilitaram às mulheres conquistar postos de trabalho na indústria soviética, mas não foram suficientes para alterar as questões relativas à desigualdade de gênero.

Os percalços e as conquistas da Campanha

A intelectualidade soviética atuou na campanha pela alfabetização, o escritor renomado M. Gorki compôs a direção da Celar e participou ativamente dos esforços, com discursos, debates e produção de livros aos trabalhadores alfabetizando. A escritora Lídia Seifulina, autora do belíssimo romance *Virínia*, livro famoso à época, ingressou com destaque no trabalho de erradicação do analfabetismo.

Em meados dos anos 20, intensificou-se a luta contra o analfabetismo na URSS. No espaço urbano, muitas empresas de ponta da produção, em fins de 1925, alcançaram a meta de que todos os seus trabalhadores conquistassem a educação primária. Entre 1925 e 1926, cerca de três milhões de pessoas aprendiam a ler e a

²⁵ GOLDMAN, W. *Mulher, estado e revolução*. Política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936. Trad. Natália A. Alfonso. São Paulo: Boitempo/Iskra Edições, 2014, p. 362-363.

²⁶ Idem, p. 367.

escrever nas regiões rurais da União Soviética. Desde a Revolução de Outubro, a taxa de alfabetização aumentava 2,6%. Entretanto, o recenseamento de 1926 informou que no país ainda havia 48,9% da população analfabeta com idade superior a 9 anos. De modo que, o objetivo traçado de eliminação do analfabetismo nas celebrações do 10º aniversário de 1917 não foi alcançado.

Para a autora Nina Nar, a campanha teria falhado: “A forte dose de propaganda política, a tentativa de revolucionar as consciências, hábitos e modos de vida das massas, eram as principais razões da recusa das massas em aceitar o programa em andamento”.²⁷

Vale destacar que o argumento sobre as “pregações políticas” para desacreditar a campanha de alfabetização soviética foi muito divulgado pelas potências imperialistas ocidentais, na medida em que as notícias dos avanços nas conquistas da alfabetização se espalhavam pelo mundo, ampliando a simpatia popular pela URSS. Deve-se frisar que a presença estatal no controle do conteúdo escolar veio posteriormente, nos anos da ditadura de J. Stálin, que introduziu na educação o culto à personalidade dos dirigentes da União Soviética. Até o 10º aniversário da Revolução de Outubro a situação era distinta, uma vez que havia a pluralidade de posições no debate educacional. Segundo S. Fitzpatrick²⁸, existiam visões divergentes entre os revolucionários frente à educação soviética: os sindicalistas reivindicavam a educação técnica voltada à atuação na indústria; os militantes da *ProletKult* (abreviatura da expressão russa “*proletarskaya kultura*” [cultura proletária], um coletivo organizado que pretendia a “cultura proletária” em oposição à “cultura burguesa”), por seu turno, batiam pela educação que atendessem à necessidade de se efetuar uma nova cultura na sociedade socialista, assentada no proletariado; e, por outro lado, havia os defensores do ensino politécnico, isto é, o conhecimento teórico e prático permeado pelo trabalho ativo, evocando a herança cultural da humanidade.

No tocante aos elementos dificultadores para se cumprir a tarefa de alfabetização, deve-se destacar que a cidade ainda não podia prestar a assistência necessária ao campo, a indústria pesada apenas começava a se desenvolver. Ao mesmo tempo, faltavam escolas na URSS, pontos de atividades culturais, sala de leituras e bibliotecas, de modo que os espaços de instrução eram insuficientes.

Torna-se importante sublinhar que o baixo padrão do desenvolvimento das forças produtivas nos anos 20 na URSS colocava a situação na qual a leitura e a escrita não eram atividades fundamentais para o trabalho, visto que agricultura praticada estava tecnologicamente atrasada. Assim sendo, muitos dos que tinham aprendido a ler e a escrever, em inúmeros casos, não conseguiam a conservação da experiência, sendo necessário recomençar o aprendizado novamente em outra oportunidade. Todavia, embora o objetivo de liquidar o analfabetismo no 10º aniversário da Revolução de Outubro não tenha sido atingido, a campanha

²⁷ NAR, N. A campanha contra o analfabetismo e o semi-alfabetismo na Ucrânia, Transcaucásia e Cáucaso no norte 1922-1941. In: KLINE, George L. *Educação soviética*. São Paulo: Ibrasa, 1959, p.203.

²⁸ FITZPATRICK, S. Lunacharski y la organizacion soviética de la educacion y de las artes (1917-1921). México DF: Siglo XXI, 1977.

proporcionou acumular vivências e experiências na alfabetização, formaram-se quadros na área dessa especificidade do ensino e da instrução prática.

Em 1927, a URSS ocupava o 19º lugar na Europa quanto ao nível de alfabetização. O índice de analfabetismo era especialmente alto no campo (54,8%). Nos anos da industrialização, o êxodo rural elevou os números de analfabetos nas cidades, devido às pessoas iletradas que vinham das aldeias para os grandes centros em busca de trabalho nas fábricas.

A campanha de alfabetização continuou e foram organizadas as Marchas pela Cultura, com vistas a coligar a educação elementar à expansão cultural de seus alunos. Nesse passo, os estudantes foram incentivados a frequentar bibliotecas, teatros e a realizar leitura da imprensa. O envolvimento mais efetivo da Juventude Comunista (sigla em russo: *Komsomol*) na alfabetização veio no ano seguinte. Introduziu-se uma folha encartada na caderneta do membro *Komsomol* para a confirmação de que, de fato, o militante havia ensinado um analfabeto a ler e a escrever.

Segundo o recenseamento de toda a Rússia do ano de 1926, a alfabetização da população de Saratov, uma cidade da região do baixo Volga, foi de 86,6% (com idade entre 16 e 50 anos), o melhor resultado da campanha decenal. Nos dois primeiros anos da campanha da Marcha pela Cultura, o avanço no combate ao analfabetismo foi de apenas 0,2%. Após os esforços concentrados, em 1929, a alfabetização atingiu 90,3%. Em 1931, Saratov tornou-se a primeira cidade da URSS totalmente alfabetizada. Vale destacar que até àquele momento histórico não se havia apresentado nenhuma campanha no planeta com o ritmo semelhante em defesa da alfabetização popular.

Os cidadãos de Saratov apoiaram aos analfabetos viabilizando as condições para o estudo. Foram organizadas creches durante o período das aulas para garantir a participação das trabalhadoras que não tinham ninguém com quem deixar os filhos durante as atividades. Aos alunos alfabetizando foram preparadas conferências, saraus de leituras, bibliotecas ambulantes e atividades artísticas amadoras. Nas manhãs de domingos e nas noites de segundas-feiras, os cinemas funcionaram gratuitamente para os estudantes dos postos de erradicação do analfabetismo. Além disso, para tal vitória saratoviana, foi importante o engajamento do *komsomol*, dos especialistas em método de ensino e de cerca de 3 mil professores voluntários.

Em sua viagem à URSS no início dos anos 30 do século XX, o intelectual brasileiro Caio Prado Júnior narrou:

Não há fábrica, usina, fazenda, sindicato, clube ou qualquer outra organização que não conte com sua biblioteca e não disponha de uma pequena livraria própria. Estas estão colocadas na entrada das fábricas e, como assisti inúmeras vezes, à saída do trabalho, pude observar que sempre grande parte dos operários parava diante delas e adquiria algumas obras. No campo, o mesmo espetáculo. *Solkhozes* e *Kolkhozes* possuem jornais próprios, que se veem em todas as mãos. Durante o trabalho dos campos, nas horas de repouso, chegam caminhões com pilhas de jornais, e a distribuição é feita entre os trabalhadores. Acrescenta-se a isto, a tiragem espantosa dos grandes diários soviéticos (superior a um milhão de

exemplares para alguns deles) e ver-se-á que não exagero quando afirmo que aqui se lê de fato. Este interesse tão generalizado pela leitura, que é patente e não traz o cunho das estatísticas oficiais, que para muito poderiam ser suspeitas, só se explica num país de população alfabetizada.²⁹

A conquista da alfabetização avançou inegavelmente. Entretanto, torna-se importante registrar que a campanha também encontrou percalços a serem enfrentados no meio urbano. Segundo Zinóviev e Plechakova,

Os inimigos da alfabetização lançaram água fêrvida aos membros do *komsomol* que recrutavam alfabetizando, dirigiam-lhes palavrões e não permitiam que chegassem às residências, em vários lugares ataçavam-lhes os cães. Os maridos não permitiam que as mulheres estudassem: “Não vou deixar que estraguem a minha Nástia. Se aprender a escrever, não vai obedecer ao marido” – Vociferou um deles.³⁰

Assim, no início dos anos 30 do século XX, em um grande centro urbano existiu a oposição à alfabetização, o que realçou a permanência da dominação de gênero, visto que vários maridos não permitiam que suas mulheres frequentassem as salas de aula.

Contudo, os ativistas da campanha de alfabetização superaram as dificuldades e conduziram a ofensiva no combate ao analfabetismo. Os exemplos da cidade de Saratov e do bairro moscovita Báumuski, local onde em 1928-29 cerca de 18 mil pessoas aprenderam a ler e escrever, superando em 36 vezes os índices do ano anterior, serviram de referências e alimentaram os ânimos pela alfabetização por toda a URSS.

A alfabetização no Oriente socialista

Em seu auge, a URSS era formada por 15 Repúblicas, e mais de 100 nacionalidades distintas. As iniciativas de alfabetização e educação das massas ganharam dimensões do programa de construção das nacionalidades oprimidas, uma vez que se impulsionou a cultura impressa no idioma nativo. Alfabetos foram criados para os povos que não tinham língua escrita.

As experiências adquiridas na República Soviética da Rússia foram consideradas nos trabalhos nas Repúblicas do Oriente. Na Ásia Central, segundo Cherstobitov “*durante toda uma década depois da Revolução de Outubro a par das escolas soviéticas funcionaram os chamados ‘mekteb’ e ‘medrece’, isto é, escolas religiosas*”³¹. Apenas em 1927-1928, as escolas religiosas foram fechadas no oriente socialista. Torna-se lícito observar que no ano de 1928 foi o início da política de industrialização na URSS, com o primeiro Plano Quinquenal.

²⁹ PRADO JR., C. P. *URSS: um mundo novo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935, p. 121.

³⁰ ZINOVIEV, M.; PLECHAKOVA, A. op. cit, p. 40.

³¹ CHERSTOBITOV, V. *URSS: solução da questão nacional*. Moscou: Progresso, 1987, p. 143.

O trabalho de educação elementar e de adultos seguiu “*nas regiões do Cazaquistão, Ásia Central, Sibéria e Extremo Norte, onde a população era nômade ou seminômade, organizavam-se escolas ambulantes, escolas-internatos e escolas-comunas que eram adaptados ao máximo a condição econômica de vida da população local*”³². Os professores atuavam em tendas erguidas para esse fim.

Os elementos dificultadores da alfabetização no Oriente eram a falta de estrutura adequada para viabilizar o ensino, o número baixo de quadros alfabetizadores, as ações dos grupos políticos contrários ao poder soviético, o atraso econômico, o domínio religioso e a opressão sexista. Em algumas regiões orientais praticamente não havia escolas, o baixo número de alfabetizados impactava a formação de professores, a agricultura arcaica não favorecia a consolidação da conquista da escrita e leitura dos alfabetizados. O padrão camponês que praticava a exploração predatória sobre o trabalhador analfabeto impedia a fundação de salas de aulas em sua região. Os aspectos culturais da religião muçulmana, de forte opressão dos homens em relação às mulheres, dificultavam ao sexo feminino a frequência nas aulas. Acerca da questão feminina e a alfabetização no Oriente socialista, Cherstobitov escreveu:

A libertação das mulheres e a educação das massas decorriam no ambiente de terror cruel por parte dos feudais, clero e bandos nacionalistas. Um fenômeno recorrente era a destruição das escolas, assassinatos de militantes da revolução cultural, especialmente os professores. Por exemplo, em princípio da década de vinte o bando contrarrevolucionário de *Ibraguimbek* (Tadjiquistão) assassinou durante um só ataque 80 professores.³³

A despeito da adversidade, os avanços na educação foram espetaculares em todos os níveis na URSS, V. Cherstobitov informou que

Durante uma só década (desde o ano letivo de 1928/1929 até o ano letivo de 1938/1939), o número de alunos na Ásia Central e no Cazaquistão aumentou de 577 mil para 2 milhões e 262 mil, isto é, em 5 vezes. Em comparação com a época pré-revolucionária, o número de alunos nas escolas gerais da URSS aumentou 3 vezes; no Uzbequistão, 55 vezes; no Cazaquistão, 10 vezes; na Quirguízia, 38 vezes; no Turcomenistão, 28 vezes e no Tadjiquistão, quase 600 vezes.³⁴

Nas mesmas regiões citadas, o número dos professores aumentou de 13,2 mil em 1926 para 128,1 mil em 1939.

De acordo com Medinski, os esforços para o combate ao analfabetismo foi uma ofensiva de todo o povo contra o analfabetismo. Em 1932, 7.600.000 pessoas frequentavam as escolas de alfabetização para adultos. /.../ O número de pessoas que sabiam ler e escrever aumentou de 67% no final de

³² Idem, p. 144.

³³ Idem, p. 145.

³⁴ Idem, P. 147

1930 a 90% ao final de 1933. Por volta de 50.000.000 de pessoas da população adulta aprendeu a ler e a escrever entre 1920 a 1940.³⁵

Por seus números, condições de realização, espaço temporal e abrangência territorial, a experiência de alfabetização da URSS não possui par na história da humanidade até os dias atuais. Pode-se colocá-la como uma das maiores conquistas da sociedade pós-revolucionária.

A autora Nina Nar questionou a vitória da campanha. Ela argumentou que o desaparecimento de referência sobre o analfabetismo e semi-analfabetismo teria sido apenas uma pretensão na União Soviética³⁶. Entretanto, deve-se frisar que a analfabetismo foi superado no final da década de trinta do século XX na Rússia e nas regiões industrializadas da URSS. Nas Repúblicas rurais e orientais, a tarefa levou mais tempo. Mas, com a II Guerra Mundial, devido às agressões nazistas que resultaram em cerca de 26 milhões de soviéticos mortos, houve o ressurgimento do problema do analfabetismo nos anos quarenta. Não se pode esquecer que o povo soviético foi imprescindível para derrotar a barbárie nazista. Contudo, na entrada da década de 1950, o objetivo de erradicação do analfabetismo foi alcançado na URSS.

Alfabetização com a Revolução

Diante do exposto, o que se aprende ao estudar a alfabetização dos trabalhadores é que os desafios de manutenção do letramento aos alunos são tão importantes quanto o trabalho do ato de ensinar a ler e a escrever. A manutenção da conquista da apropriação da leitura e da escrita implica o enfrentamento à miséria extrema, às guerras, ao preconceito e a opressão de gênero. Ademais, deve-se viabilizar a possibilidade do acesso dos estudantes da alfabetização aos instrumentos das forças produtivas sociais.

De acordo com Leon Trotsky, “*O fato de que a Revolução de Outubro ensinou ao povo russo, aos numerosos povos do Império Czarista, a ler e a escrever tem incomparavelmente mais importância do que toda a cultura em conserva da Rússia de outrora*”.³⁷

Portanto, a conquista da alfabetização fez aflorar e aumentar a simpatia em relação à União Soviética pelo mundo, na medida em que expressou o passo real e concreto na ampliação da cultura e no bem-estar de trabalhadores e camponeses. A apropriação elementar das letras foi inseparável da transformação social resultante da luta contra a opressão e a miséria capitalista. Na Rússia e nas Repúblicas Soviéticas Orientais a conquista da alfabetização somente pôde ser realizada por meio da revolução.

Artigo recebido em 29.3.2019

Aprovado em 4.5.2019

³⁵ MEDINSKI, E. *La instruccion pública en la URSS*. Moscou: Ediciones em lengua extranjeras, 1950, p. 19.

³⁶ NAR, N. op.cit, p. 225-226.

³⁷ TROTSKY, L. O que foi a Revolução de Outubro? In: *Revista Civilização Brasileira*. A Revolução Russa 50 anos depois. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 151.